

UMA ANÁLISE SOBRE AS ENUNCIÇÕES DOS TUTORES NO AMBIENTE VIRTUAL FÓRUM A RESPEITO DO DESEMPENHO DOS ALUNOS

AN ANALYSIS ABOUT THE TUTORS ENUNCIATIONS IN VIRTUAL ENVIRONMENT FORUM ON STUDENTS PERFORMANCE

Marcelo Silveira¹

Juliana Fogaça Sanches Simm¹

Eliza Adriana Sheuer Nantes¹

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é contribuir para uma reflexão sobre os limites e as possibilidades que envolvem o processo ensino-aprendizagem na modalidade da Educação a Distância. Para tanto, apresentamos a análise das enunciações de mediadores do processo ensino-aprendizagem, participantes no ambiente virtual de aprendizagem Fórum, do curso de Letras, de uma Universidade que trabalha com tal modalidade. As enunciações dos sujeitos foram analisadas à luz dos pressupostos teóricos do ISD – Interacionismo Sociodiscursivo, conforme Bronckart (2003).

Palavras-chave: Enunciação; Tutores; Desempenho; Alunos; ISD.

ABSTRACT: The purpose of this study is to contribute to a reflection on the limits and possibilities surrounding the teaching-learning process in distance education mode. Therefore, we present the analysis of mediators of teaching and learning process enunciations, participants in virtual learning environment forum, of Language and Literature graduation, at a University that works with such a modality. The enunciations of the subjects were analyzed in the light of the theoretical assumptions of the Bronckart's (2003) SDI – Socio-Discursive Interactionism.

Keywords: Enunciation; Tutors; Performance; Students; SDI.

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância, doravante EaD, é uma modalidade de ensino que tem se destacado no cenário educacional brasileiro. Configura-se como uma forma diferenciada, por ter o computador como suporte, utilizando a Web e os espaços cibernéticos (MARSCUSHI, 2010). Justifica-se sua rápida expansão devido a diversos fatores, dentre os quais o constante incentivo governamental, a grande procura pela população que não se adaptou ao ensino regular, a inexistência, no Brasil, de oferta de curso superior presencial em diversas regiões.

¹ Docentes da Universidade do Norte do Paraná- UNOPAR

Com a sedimentação da EaD como uma possibilidade à disposição do aluno para ingresso no curso superior, temos o rompimento de um paradigma: o espaço de discussão transcende a sala de aula e pode ser continuado em outros ambientes, como é o caso do fórum, objeto de acompanhamento dos tutores eletrônicos e cujas enunciações serão nosso foco de análise.

Na busca por uma definição do que consiste o ambiente virtual fórum, deparamo-nos com o conceito dado por Marcuschi e Xavier (2010), dizendo que se trata de um ambiente virtual no qual os grupos discutem temas específicos e em que “As relações são continuadas e movidas por interesses comuns. É um ambiente que envolve vários gêneros.” (MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p. 32).

Com a definição acima apresentada, podemos inserir o conceito bakhtiniano de gêneros, no que tange à sua relativa estabilidade (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997). Essa estabilidade é devida aos aspectos que permanecem no gênero; a relatividade é decorrente das inovações que a sociedade imprime nas interações dos sujeitos (MARCUSCHI, 2005). Temos aqui o retrato do movimento dinâmico, vivo, de nossa sociedade, que, em função de suas necessidades de interação humana, cria ou hibridiza os gêneros (MARCUSCHI, 2010). São novas práticas sociais, novos gêneros ou gêneros em processo de mudanças, e eles devem ser analisados pelo professor-pesquisador.

Diante disso, os gêneros veiculados em ambientes virtuais parecem ser mais elásticos ainda, em decorrência da dinamicidade das interações presenciais ou virtuais. Podemos citar, como exemplo, o *e-mail*; observa-se que ele traz algumas características composicionais de uma carta, mas, ao mesmo tempo, um plano geral diferente. Há remetente, destinatário, data, mas eles são distribuídos e nomeados de forma a atender o ambiente *on-line*. Assim, renovam-se alguns aspectos, mas não todos. (CRYSTAL, 2001 apud MARCUSCHI, 2008).

Então, diante da relevância da problematização apresentada – surgimento de novos espaços de aprendizagem – é que o presente artigo se justifica. Nosso objetivo é analisar as enunciações desses tutores, para, então, intervir de forma efetiva nas lacunas apresentadas.

Estamos considerando os tutores eletrônicos na qualidade de sujeito autorizado a emitir seu parecer sobre o desempenho dos educandos, por ser ele o mediador que tem mais contato com o aluno. Em busca da origem do papel do tutor, recorreremos aos pressupostos de Sá (1988):

[...] a tutoria como método nasceu no século XV na universidade, onde foi usada como orientação de caráter religioso aos estudantes, com o objetivo de infundir a fé e a conduta moral. Posteriormente, no século XX, o tutor assumiu o papel de orientador e acompanhante dos trabalhos acadêmicos, e é com este mesmo sentido que incorporou aos atuais programas de educação à distância (SÁ, 1998, p. 7).

Neste sentido, sendo um profissional que orienta e acompanha o desenvolvimento acadêmico é que referendamos a enunciação do tutor, momento quando ele nos apresenta qual é o desempenho dos estudantes, na sua ótica.

Outra vertente deste trabalho origina-se nos estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa “Linguagem em ambientes virtuais de aprendizagem” (Unopar/CNPq). O objetivo é aprofundar as pesquisas, tendo como objeto de ensino os gêneros textuais, conforme apregoam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997). Para tanto, apresentaremos a análise das enunciações de três mediadores, de acordo com a teoria do Interacionismo Sociodiscursivo proposta por Bronckart (2003). A análise foi desenvolvida considerando os aspectos linguísticos, como as características globais do texto e a infraestrutura textual.

O trabalho está organizado da seguinte forma: iniciaremos mostrando como se estrutura o ensino presencial conectado; a seguir, nosso foco será explicitar o funcionamento do curso de Letras a distância, quais são os atores envolvidos e, ainda, como é essa modalidade de ensino. Depois, apresentaremos os pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD), justamente por ser uma teoria que apresenta uma proposta voltada ao ensino. Fazendo um recorte na teoria, focalizaremos o contexto de produção, com ênfase aos mundos representados e às formações discursivas envolvidas nas enunciações dos sujeitos. Por fim, apresentamos nossa análise, sedimentada no ISD, e fazemos as considerações finais.

Tendo apresentado uma visão geral sobre o que tratará o presente artigo, no próximo item, apresentaremos como está organizada educação virtual em questão, designada como ensino presencial conectado.

1 O ENSINO PRESENCIAL CONECTADO

É pertinente observar que estamos versando sobre uma modalidade de ensino muito nova, criada por meio do Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Este decreto caracteriza a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Sobre essa temática e considerando a necessidade de compreender melhor esses novos espaços de aprendizagem, Marcuschi (2008) procede a um estudo no qual elenca os gêneros da mídia virtual, todos em uso pela Universidade pesquisada:

- ***E-mail*** – interação assíncrona;
- ***Chat em aberto*** – interação simultânea de várias pessoas;
- ***Chat reservado*** – interação síncrona apenas entre 2 pessoas;
- ***Chat agendado*** – muito usado na EaD;
- ***Chat privado*** – salas privadas;
- **Entrevista com convidado;**
- ***E-mail educacional*** (aula virtual) – contatos assíncronos, com arquivos hipertextuais;

- **Aula chat** – (*chat* educacional) – interações síncronas – tirar dúvidas e dar atendimento;
- **Videoconferência interativa** – similaridade com a interação face a face – com voz e imagem;
- **Lista de discussão** – mensagens eletrônicas recebidas por *e-mail*, interação assíncrona, mediada por um responsável;
- **Endereço eletrônico** – para o *e-mail* ou para a *home-page*.

O autor cita, ainda, outros recursos tecnológicos para o ensino, também em uso pela Universidade foco da pesquisa:

- **Fórum de discussão** – mensagens postadas em espaço específico no ambiente de aprendizagem;
- **Download** – permite sua recuperação em qualquer espaço e tempo;
- **World Wide Web (www)** – biblioteca virtual, recurso baseado no hipertexto;
- **Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA)**² – propicia comunicações em múltiplas direções e são mediadas pelo hipertexto; ou *e-learning*.

Segundo informações da instituição que pesquisamos, essa forma de ensino é uma modalidade que oferece aos alunos um sistema de **Ensino Presencial Conectado**³, cujas características extraímos do *site* da universidade pesquisada:

- Dispõe de ambientes interativos e tecnologia avançada para oferecer cursos de graduação, pós-graduação e programas em nível de aperfeiçoamento, treinamento e atualização.
- O aluno conta com aulas via satélite, Internet e ambiente Web.
- Oferece um processo educativo realizado em ambientes virtuais e presenciais de aprendizagem, sustentado pelo uso crítico das tecnologias inovadoras de informação e de comunicação.
- Fornece ao aluno materiais impressos e digitais para pesquisa e complementação de seus estudos, e espaços de aprendizagem destinados à formação inicial e continuada em salas comunitárias de diversos municípios.
- Oferece capacitação contínua de professores e tutores e permite um ensino de qualidade com orientação permanente ao aluno.

O uso do termo que destacamos – Ensino Presencial Conectado – é justificado porque algumas atividades são obrigatórias e devem ser realizadas na forma presencial. Sobre essas atividades, bem como sobre o curso de Letras a distância, versaremos no próximo item.

² Para aprofundar essa temática, sugerimos a leitura de GIMENEZ (2010).

³ Observa-se uma tendência em substituir a nomenclatura “Educação a Distância” pelo termo “Ensino presencial conectado”. Justifica-se pelo fato de que nesta modalidade o aluno não pode assistir à aula de sua residência, mas é necessário que ele compareça ao polo e lá realize as atividades. Logo, a sua presença é monitorada; depois, ele pode assistir à aula com seu *logon* e senha quantas vezes achar necessário.

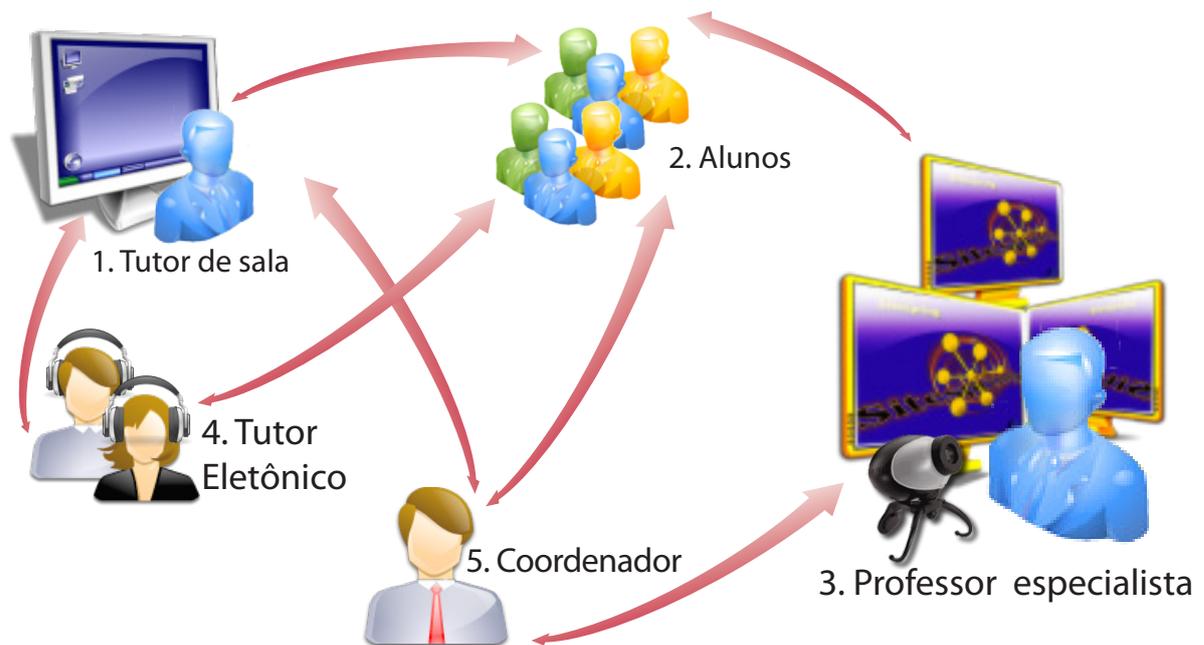


Figura 1 – Mediação pedagógica - **Fonte:** Site da universidade pesquisada

Como podemos observar, cada enunciador tem um papel específico (porém interligado) no processo de ensino-aprendizagem. Além do professor que ministra a aula a partir da sede (imagem 3), há, no polo, o tutor (imagem 1), que é um professor formado em Letras com Especialização (no mínimo) na área e que acompanha todas as aulas e atividades presenciais juntamente com os alunos (imagem 2). Conforme surgem perguntas, se são básicas, o próprio tutor as responde, senão as encaminha ao professor especialista, via computador. Enquanto ocorre a aula, há vários tutores eletrônicos (imagem 4), também com pós-graduação e experiência em sala de aula, conectados para auxiliar a responder às dúvidas que surgem, e o coordenador do curso (imagem 5) fica de plantão, acompanhando o andamento das atividades.

Sumarizaremos o papel de cada ator, no processo de ensino-aprendizagem, por intermédio do quadro a seguir:

Quadro 1 – Papel dos atores no processo ensino-aprendizagem da EAD da Universidade pesquisada

<p>Coordenador Geral do Curso</p> 	<ul style="list-style-type: none"> • É o responsável pela coordenação geral do curso; • Atua com a equipe de professores e tutores, no atendimento ao aluno.
<p>Professor especialista</p> 	<ul style="list-style-type: none"> • Produz o material impresso, as aulas web, teleaulas, aulas atividade e avaliações; • Ministra as teleaulas, medeia fóruns, orienta os tutores eletrônicos nas atividades da disciplina e no TCC.
<p>Tutor eletrônico</p> 	<ul style="list-style-type: none"> • Acompanha o processo de ensino e aprendizagem; • Orienta o aluno; • Esclarece dúvidas; • Corrige trabalhos e avaliações virtuais; • Participa do fórum; • Realiza <i>chats</i> com os alunos; • Comunica-se pelo sistema de mensagens.
<p>Tutor de sala</p> 	<ul style="list-style-type: none"> • Acompanha o aluno <i>in loco</i>, em seu processo de aprendizagem; • Auxilia no envio das dúvidas dos alunos; • Identifica dificuldades técnicas, administrativas e pedagógicas e as encaminha aos setores responsáveis; • Conduz o <i>chat</i> durante a teleaula e a aula-atividade; • Orienta o aluno nas atividades de estágio e acompanha as atividades fora do campo de estágio; • Zela pelo cumprimento de todas as atividades, pelos alunos.
<p>O aluno</p> 	<ul style="list-style-type: none"> • Deve ler o material impresso de cada disciplina; • Assistir e participar das teleaulas e aulas-atividades; • Realizar as <i>aulas web</i>; • Participar dos fóruns de cada disciplina; • Realizar as avaliações virtuais (das aulas web); • Fazer a produção textual de cada disciplina, no prazo estipulado; • Fazer a prova presencial das disciplinas.

Fonte: Adaptado do *site* da universidade pesquisada

Iniciemos nossas asserções discorrendo sobre a nomenclatura “tutor eletrônico” (doravante, somente “tutor”). Embora a instituição na qual efetuamos a pesquisa a utilize de forma distinta de “professor”, corroboramos os estudos de Beloni (1999, p. 84):

“Consideradas do ponto de vista da organização institucional, podemos agrupar as funções docentes em três grandes grupos: o primeiro é responsável pela concepção e realização dos cursos e materiais; o segundo assegura o planejamento e organização da distribuição de materiais e da administração acadêmica (matrícula, avaliação); e o terceiro responsabiliza-se pelo acompanhamento do estudante durante o processo de aprendizagem (tutoria, aconselhamento e avaliação).

Apesar da enunciação acima, no local onde efetuamos a pesquisa, a função do tutor não é considerada a mesma do professor. O professor é o docente formalmente responsável pela disciplina, cujo nome vai para a ementa, inclusive. É ele quem elabora as avaliações, os trabalhos individuais e em grupo, e acompanha a disciplina. O tutor auxilia o professor, porém, em caso de dúvidas, não decide, pois o consulta e, com base no que o professor orientar, ele agirá.

Na função de docentes, nossa prática aponta que, dentre todos os enunciadores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, é o tutor quem fica mais próximo do aluno, por diversos motivos: recebe *e-mail* sobre os mais diversos assuntos (datas de provas, trabalhos postados indevidamente, prazos perdidos, atestados, divergência de nota/conceito, reclamações); no momento da aula em tempo real, no estúdio, ele seleciona as questões a serem enviadas para o professor responder (embora o professor tenha total autonomia de ele mesmo fazer isso); auxilia na mediação do fórum; corrige e atribui nota em todos os trabalhos e avaliações (o professor tem uma visão geral de como foi a correção, mas é o tutor quem procede a leitura de trabalho por trabalho), com base em orientações montadas pelo professor responsável pela disciplina.

Mediante o exposto, nada impediria que o tutor fosse designado professor, porém, como essa questão envolve outras ações, dentre elas a definição do papel do tutor via sindicato e o reconhecimento desta categoria, não nos aprofundaremos nessa temática.

No tocante à mediação do tutor no momento da aula presencial, destacamos que, se das mentes de trinta educandos numa aula presencial há várias indagações, quiçá das mentes de setecentos educandos numa aula ministrada em tempo real. As dúvidas variam desde questões administrativas até as relacionadas a outras disciplinas. Então, manter a coerência e o foco na aula é essencial. Ora, se o professor está no ar, em tempo real, a ele – tutor – cabe este papel, inclusive de cobrar a participação dos discentes, por intermédio dos tutores de sala conectados. Logo, nesse processo de mediação aluno–tutor–professor, é papel do tutor manter a coerência temática. Exemplifiquemos. Em uma aula sobre gêneros textuais, um dos polos solicitou que fosse explicada a teoria da Análise do Discurso. Nesse caso, toma-se a palavra, explica-se brevemente do que se trata e recomenda-se que o aluno envie *e-mail* para receber mais leituras, pois não é o tema da aula, e prossegue-se o conteúdo, para que o fio condutor não seja prejudicado.

Outro item a ser abordado diz respeito à importância de o aluno não perder os encontros presenciais. A prática nos aponta que a maioria dos alunos brasileiros não é autodidata, logo perder um encontro presencial significa perder muito conteúdo que, sozinho, pode não

ser recuperado. Mesmo o aluno tendo acesso à aula gravada e podendo assistir a ela quantas vezes o desejar, entendemos que o ambiente escolar e a realização das atividades junto com os demais colegas oferecem outros signos semióticos mediadores nesse processo de ensino-aprendizagem, conforme apregoa Vygotsky (1999).

Diante do exposto é que consideramos, sendo voz de autoridade, com conhecimento sobre a temática pesquisada, as enunciações de quando os tutores nos apresentam um mapeamento no ambiente virtual fórum a respeito do desempenho dos alunos.

Nesse tópico, enfatizamos a importância do trabalho do tutor, justamente por ser ele quem mais tem contato com o aluno. Sedimentados nesse fato é que os selecionamos como sujeitos de nossa pesquisa, conforme explanaremos no item 3. Por hora, pelo fato de as enunciações desses sujeitos serem analisadas à luz do ISD, é sobre essa teoria que discutiremos.

2 ISD: UM ARCABOUÇO TEÓRICO QUE VEM AO ENCONTRO DAS QUESTÕES ENCONTRADAS NA SALA DE AULA

Atualmente, o processo de ensino-aprendizagem vem sendo objeto de inúmeras reflexões. A prática pedagógica nos aponta que, mesmo o aluno tendo acesso ao código linguístico, isso não está sendo suficiente para prepará-lo para as diversificadas situações comunicativas que ele enfrenta em sua vivência. Desta forma, nota-se que há uma distância entre a realidade do educando e o conteúdo programático trabalhado nas salas de aula.

Estudiosos como Geraldi (1993), Matêncio (1994), Dolz & Schneuwly (1996), Barbosa (2000), Bronckart (2003) corroboram que há uma lacuna entre o que se ensina e o que seria necessário ensinar, e uma tentativa de mostrar novas possibilidades ao professor e à sociedade é apresentada através de propostas curriculares de estados e municípios, principalmente para o nível fundamental e médio, que visam à obtenção do melhoramento do ensino na escola pública. É neste sentido que ressaltamos a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997/1998a), doravante PCN.

De acordo com os PCN (1998), o ensino de língua materna deve ser pautado nos gêneros de discurso e/ou textual, tanto oral como escrito, indicando que *eles* devem ser o objeto de ensino. A partir disso, estudos voltaram-se para a questão dos gêneros, principalmente no sentido de descrever sua multiplicidade, uma vez que os textos são heterogêneos.

Segundo Dolz e Schneuwly (1996), os gêneros são *megainstrumentos*, ou seja, metaforicamente, um instrumento que contém vários outros. Logo, o livro didático, por exemplo, é um gênero e, como tal, é portador de conteúdos específicos de ensino. Estamos defendendo a proposta que o professor passe a fazer um trabalho com os diferentes gêneros textuais ao invés dos diferentes tipos de texto.

Isso posto, é preciso ressaltar que um trabalho em sala de aula sedimentado nos gêneros textuais permite ao professor abordar os aspectos estruturais e os sócio-históricos e culturais,

lembrando que os PCN (1997/1998) já apontavam para a relevância de o professor contemplar o princípio de respeito à pluralidade de realidades culturais, certamente cabendo ao educador proceder à adaptação ao público-alvo.

Outro aspecto importante é que os PCN indicam que o texto seja a unidade de ensino e os gêneros textuais o objeto. O professor, trabalhando dessa forma, possibilita mostrar ao educando, de forma mais concreta, contundente, os gêneros de circulação social do mundo que o cerca, de forma a fornecer parâmetros mais claros tanto para ele produzir como para compreender os textos.

Diante do exposto, surge a proposta do ISD. Uma das questões centrais dessa teoria é pesquisar sobre como desenvolver o pensamento humano e, na busca por respostas, apresenta uma nova perspectiva das Ciências Sociais e uma nova visão da psicologia sobre o processo de ensino-aprendizagem (BRONCKART, 2003).

O ISD começou a ser constituído por volta de 1980, a partir de teorias que buscavam postular o desenvolvimento humano. No entanto, ao contrário dessas vertentes, que limitavam a discussão a suas disciplinas, o ISD busca desenvolver uma única Ciência do Humano. Para tal, esta perspectiva baseou-se nas obras de Marx (1845/1951), Voloshinov e Bakhtin (1929/1997), Vygotsky (1934/1999), aceitando, portanto, todos os princípios fundadores do interacionismo social.

Essa transdisciplinaridade possibilita ao ISD ser uma corrente que não se limita somente à abordagem linguística, psicológica ou sociológica, mas, também, como já mencionado, uma ciência que busca englobar todo o desenvolvimento humano.

Fourcade e Bronckart (2007) elucidam o processo histórico desta vertente, dividindo a sua trajetória em quatro momentos:

1. Publicação do primeiro livro de Bronckart, *Gênese e organização das formas verbais* (1976), o qual começou a ser pensado em 1966;
2. Publicação das obras *Uma introdução crítica* (1977) e *O funcionamento dos discursos. Um modelo psicológico e um método de análise* (BRONCKART et al., 1985). A primeira obra descreve as reflexões realizadas entre 1966 e 1976, já a segunda sintetiza os trabalhos de investigação e as suas características metodológicas;
3. A partir de 1985, o terceiro momento se inicia refletindo a respeito das tipologias, principalmente de Adam e Bronckart, o que leva ao planejamento de alguns problemas metodológicos. Em 1997, esse período se encerra com a publicação de *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionnisme socio-discursif*.
4. A publicação, em 2004, da obra *Agir et discours en situation de travail*, de autoria de Bronckart, Bulea e Fillieta.

Para desenvolver sua teoria, Bronckart (2003) buscou, ainda, os fundamentos em Spinoza (1967). O autor critica a perspectiva dualista, que separa o fenômeno físico do psicológico, e ressalta que tudo é interligado, ou seja, inter-relacionado. Como podemos observar,

o ISD se opõe radicalmente às leis deterministas. É importante ressaltar que, em se tratando do humano, tudo é resultado das circunstâncias, e a falha do positivismo foi desconsiderar isso. Então, vemos que o ISD é contrário ao positivismo. Este falhou justamente por ter negligenciado o humano, ignorado os efeitos da evolução, o inusitado, a imprevisibilidade, enfim a evolução do humano e a evolução do próprio universo. O ISD, por sua vez, tem como foco a linguagem, as condutas sociais e o pensamento humano consciente.

No ISD, temos, então, a junção dos fenômenos físicos com os fenômenos psicológicos. Com isso, reforçamos os conceitos de Vygotsky (1999), ao nos asseverar que, quando um bebê é exposto ao mundo humano, começa a ocorrer um processo de internalização dos signos. Embora o psicólogo não tenha versado sobre textos e discursos, o ISD surge e amplia essa visão. Então, as asserções de Vygotsky sobre o trabalho formativo foram consideradas, pois o homem entra numa linha de desenvolvimento e, aos poucos, passa por processos, tais como aquisição, transformação dos significados sociais, que são, por sua vez, transformados historicamente. Como se pode perceber, o ISD, mais especificamente por meio dos estudos de Bronckart (2003), integra esse esquema de Vygotsky (1999), que já falava sobre a mediação, sobre os signos como instrumentos semióticos e vai além, pois o estudioso nos fala de atividades de linguagem, até chegar num sujeito singular. Com isso, temos aqui um agir social, um agir comunicativo e a ação do sujeito singular (BRONCKART, 2003).

Essa cooperação do indivíduo nas atividades é regulada e mediada por verdadeiras interações verbais, e a atividade caracteriza-se, portanto, por essa dimensão que Habermas (1989, p. 166) chamou de agir comunicativo:

O agir comunicativo pode ser compreendido como um processo circular no qual o ator é as duas coisas ao mesmo tempo: ele é o iniciador, que domina as situações por meio de ações imputáveis; ao mesmo tempo, ele é o produto das tradições nas quais se encontra, dos grupos solitários aos quais pertence e dos processos de socialização nos quais se cria.

Assim, vemos que o agir comunicativo é constitutivo do social, logo os signos nos levam a representações previamente acordadas. Estas negociações de sentidos, segundo Habermas (1989), são estruturadas em configurações de conhecimento nominadas pelo autor como mundos representados, que podem ser assim sintetizados:

Quadro 2 – Mundos representados e configurações de conhecimento

Mundo objetivo ou físico	Envolve o ato material da enunciação.
Mundo social	Compreende os conhecimentos coletivos acumulados entre os membros de um grupo, suas normas, valores, regras, etc.
Mundo subjetivo	Compreende a imagem que o produtor dá de si ao agir, sua autorrepresentação e a imagem que faz do outro.

Fonte: Adaptado de Habermas (1989)

Isso posto, observamos que os mundos representados formam o contexto da ação de linguagem. Logo, chegamos à tese central do interacionismo sociodiscursivo: “a ação cons-

titui o resultado da apropriação, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem (BRONCKART, 2003, p. 42)”.

A seguir, ancorados nos estudos de Machado e Bronckart (2009) e visando contribuir com a prática docente e esclarecer a proposta de Bronckart (2003), reproduzimos o quadro abaixo. É pertinente observar que nosso enfoque será na última coluna, que versa sobre o agir do professor no contexto educacional, por considerarmos que as enunciações dos tutores estão relacionadas ao agir do tutor:

Quadro 3 – Panorama dos procedimentos de análise linguístico-discursiva do ISD

1º Nível	2º Nível	3º Nível
Nível organizacional	Nível enunciativo	Nível semântico
<ol style="list-style-type: none"> 1. Organização temática: plano textual global e temas. 2. Tipos de discursos: segmentos que estabelecem diferentes relações com a situação de ação de linguagem e com as coordenadas gerais dos mundos discursivos: expor implicado conjunto, narrar implicado disjunto, narrar autônomo disjunto (BRONCKART, 2006). 3. Tipos de sequências 4. Mecanismos de textualização <ol style="list-style-type: none"> a) Conexão (progressão temática por organizadores textuais); b) Coesão Nominal (introduzem unidades de informação nova e asseguram as suas retomadas por séries de unidades ou processos anafóricos); c) Coesão Verbal (organizam a temporalidade dos processos por terminações verbais ou unidades temporais). 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Marcas de pessoa: marcas explícitas – 1ª pessoa singular ou plural, discurso direto ou indireto, aspas, ou marcas implícitas inseridas na fala do enunciatador. 2. Modalizações: contribuem para a coerência pragmática do texto, explicitando diversas avaliações formuladas sobre um ou outro aspecto do conteúdo temático, assim como as fontes dessas avaliações. 3. Vozes: entidades que assumem (ou a elas são atribuídas) responsabilidade do que é enunciado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Refere-se à semiologia do agir: escolhas semânticas que aparecem no texto, frequência de uso de determinados sintagmas (verbos, substantivos, adjetivos ou advérbios) que configuram um agir linguageiro ou não linguageiro. Dá suporte às interpretações desenvolvidas nos outros níveis de análise linguístico-discursiva inseridos na arquitetura textual e também no nível do contexto físico e sociossubjetivo. <ol style="list-style-type: none"> 1. Elementos do agir <ul style="list-style-type: none"> • As razões (de ordem interna ou externa) que levam ao agir; • A intencionalidade (finalidades ou intenções individuais ou coletivas); • Os recursos para o agir (instrumentos/ferramentas ou as capacidades do agente, portanto recursos externos e internos, respectivamente). 2. Tipos de agir: <ol style="list-style-type: none"> a) Agir como instrumento simbólico ou material; b) Agir como processo mental; c) Agir como atribuição de capacidade.

Fonte: Machado e Bronckart (2009).

Tendo apresentado uma breve contextualização sobre o ISD e da proposta de Bronckart (2003), na sequência passaremos à análise do *corpus*.

3 ANÁLISE

Conforme já apresentamos na introdução deste trabalho, o intuito da presente pesquisa é investigar as enunciações dos tutores no ambiente virtual fórum a respeito do desempenho dos alunos, na disciplina. A disciplina foi ofertada pelo curso de Letras, na modalidade de ensino presencial conectado.

As enunciações dos tutores serão consideradas como válidas, considerando que eles são dotados de conhecimento baseado na experiência. Se cabe ao professor montar a ementa, ministrar o conteúdo que ali está alocado, elaborar as avaliações e os trabalhos, escrever as web aulas e acompanhar todo o processo, inclusive a mediação do fórum, cabe ao tutor um agir que lhe permite, pela prática, ser considerado uma voz de autoridade para responder à questão selecionada para este artigo, visto que é ele quem faz a correção da avaliação, recebe a maioria das dúvidas dos alunos, procede a mediação via fórum, juntamente com o professor responsável pela disciplina. Academicamente, podemos asseverar que o tutor é quem tem mais contato com o discente. Ele é a “lente” do professor. Ele é a ponte entre o professor e o aluno. É por meio dele que o professor sabe como foi todo o processo de ensino-aprendizagem da disciplina ministrada.

Tendo contextualizado o papel do tutor, asseveramos que o *corpus* da nossa pesquisa é composto pelas enunciações de 3 tutores eletrônicos. Cada tutor acompanhou cerca de 230 alunos. As asserções dos tutores representam sua leitura sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos, diante do acompanhamento constante que foi realizado via ambiente virtual fórum, por um período de dois meses.

Isso posto, cabe informar que os dados foram coletados do ambiente virtual de aprendizagem Fórum por meio do qual os tutores mediarão, de forma dialógica, as dúvidas dos alunos do 1º ano de Letras.

Quando o professor especialista assume uma turma, tem contato com toda equipe pedagógica envolvida naquele semestre no qual a disciplina a ser ministrada está inserida. Tanto é assim que no início do semestre os professores se apresentam, na modalidade mesa-redonda, versando sobre a sua disciplina e explicando a dialogicidade existente com as outras. Além disso, o semestre tem um eixo norteador, em torno do qual é interdisciplinarmente elaborado tanto o trabalho em grupo como o individual, exigidos para todos os semestres. No processo de construção dos trabalhos, dialoga-se com os tutores responsáveis pela turma buscando sua colaboração, pois se entende que eles acompanham o semestre escolar do aluno e os conhecem mais do que os professores especialistas, mesmo porque vêm semestre a semestre acompanhando as mesmas turmas. Se a disciplina não for a primeira do

semestre, como é o caso desta sobre a qual estamos discorrendo, é possível ter um panorama geral da turma, via tutor.

Quando foi feita uma reunião para conhecer o panorama geral da turma, uma das questões que os tutores apresentaram foi a preocupação com a deficiência apresentada nos alunos oriundos do Ensino Médio. Quando solicitado mais detalhamento, as respostas foram desde inadequações sérias relacionadas à norma culta, desconhecimento dos gêneros trabalhados na academia até dificuldades de compreensão e interpretação de enunciados. Um dos papéis da equipe docente é intervir da forma mais pontual possível, diante do quadro que se apresenta. Uma das formas de intervenção é a oferta de cursos de extensão, que podem ser aproveitados como horas acadêmicas, com o conteúdo programático montado a partir do que acabamos de expor.

O interesse pelas questões postadas no Fórum, sobre as quais trataremos mais adiante, deu-se por dois motivos: a deficiência apresentada pelo aluno recém-ingresso na graduação e as questões “b” e “c” foram realizadas em virtude de refletirmos sobre como amenizar a problemática apresentada. Como resultado de dados coletados oralmente, no início deste ano letivo, junto a esses tutores, foi criada a disciplina intitulada “Seminário”. Essa disciplina passou a ser ofertada no primeiro semestre, com duração de 5 encontros e foi montada com um conteúdo programático que possibilitasse contextualizar o aluno recém-ingresso sobre algumas temáticas sugeridas pelos tutores. De forma sintética, apresentamos o que é tratado em cada um dos cinco encontros⁴:

Quadro 4 – Temas das aulas dos Seminários

Aula 1	Professor, qual é o seu papel?
Aula 2	Refletindo sobre os conceitos de língua, linguagem e hiperlíngua.
Aula 3	Os gêneros textuais.
Aula 4	Educar para pensar: o dialogismo e a polissemia presente nos textos.
Aula 5	Um estudo das vozes presentes nos textos.

Fonte: Os Autores.

Sobre essa ação, Nascimento (2009) assevera:

[...] o professor tem uma duplicidade de aspectos em sua missão: considerar o contexto institucional no qual se realizam as ações educacionais; e, na sala de aula, constituir uma atividade padrão (aula) por meio da sua ação (ou sequência de ações), que está orientada por objetivos de ensino a serem alcançados e que são “cobrados” pela instituição e pela sociedade (NASCIMENTO, 2009, p. 62).

O acima exposto foi justamente o que procuramos fazer, e, como o tutor eletrônico é quem tem mais contato com o aluno, a instituição criou um ambiente virtual, por meio do Fórum, para que o professor e o tutor tivessem um contato mais frequente, possibilitando

⁴ Como não é nosso objetivo analisar essas aulas, apenas citaremos o intuito da criação dessa disciplina: contextualizar o aluno, por meio das atividades (aula, aula-web, *chat* atividade, fórum) e da indicação de leituras complementares para aprofundamento dos conteúdos.

ao professor acompanhar mais de perto a condução de toda a disciplina. A interação inicial do Fórum é feita pelo docente responsável pela disciplina. A partir daí, a ponte dialógica está estabelecida, cabendo a cada enunciatário participar (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/1997). O enunciado que suscitou a coleta dos dados que ora analisaremos foi:

“Caro tutor,

Nesta disciplina tratamos de questões centrais para nosso curso: o que é o curso de Letras, campos de atuação, o que é um linguista, conceitos e principais autores, refletimos sobre a formação de professor, leitura, produção textual, avaliação, conceituamos língua, linguagem, hiperlíngua, versamos sobre os gêneros textuais, culminando com o estudo da ideologia e das vozes presente nos textos.

Diante do que estudamos e, sobretudo, considerando a sua experiência com nosso aluno da EaD, responda as questões a seguir:

- a. Quais são as maiores dificuldades que você sente no desempenho do aluno da EaD?
- b. Quais ações você sugere para sanar essas dificuldades?
- c. Uma das preocupações na EaD é romper distâncias. Diante do exposto, como professor formador, de que forma podemos contemplar a regionalidade nas aulas de Língua Portuguesa?

Aguardo a participação de vocês!

Abraços,

Professora

Por uma questão de espaço, neste artigo, procedemos um recorte e nos limitamos a analisar a resposta do item “a”, para a qual temos a indagação:

Quais são as maiores dificuldades que você sente no desempenho do aluno da EaD?

Vejam algumas considerações sobre o questionamento acima apresentado. Primeiramente, o lugar social de quem pergunta. Embora sendo hierarquicamente superior, pois o professor questiona o tutor, cremos que não houve indução na resposta proferida pelo tutor, pois a ele foi oportunizado elencar as dificuldades que observa, pela vivência cotidiana com o aluno, cabendo ao professor, com base nas enunciações desse tutor, intervir, via processo de ensino-aprendizagem. Logo, é uma oportunidade que o tutor tem tanto de manifestar a sua voz como de apresentar uma situação em relação à qual caberá ao professor um agir.

No que tange ao significado sociodiscursivo da questão, o pressuposto inferido pelo docente é que existem dificuldades no desempenho dos alunos. Essa asserção é sedimentada na enunciação dos tutores, em reunião anterior, na qual eles comentaram, de forma genérica, alguns problemas. O objetivo de abrir um espaço para discussão era mapear essas dificuldades e, em sala, na mediação, ou com a indicação de materiais complementares, intervir pedagogicamente, de forma a amenizar a situação por eles apresentada, lembrando que é trabalho do docente solucionar as demandas apresentadas.

Considerando que contextualizamos a situação de enunciação, na sequência, versaremos sobre os sujeitos da pesquisa.

3.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Conforme já ressaltamos, são 3 os sujeitos da presente pesquisa, os quais, a partir de agora, nominaremos de sujeito A, B e C. As respostas obtidas para a questão acima estão no quadro 5, a seguir:

Quadro 5 – Respostas dos sujeitos da pesquisa

Sujeito A	Percebo que a maior dificuldade do aluno do EaD está na produção de texto, são perceptíveis as alterações ou erros na sintaxe, estruturação, pontuação de frases ou na organização dos parágrafos, enfim nas habilidades necessárias na composição de um texto. Além disso, eles apresentam problemas em relação à argumentação, pois falta conhecimento, esclarecimento sobre o assunto, eles não conseguem sustentar uma opinião frente aos outros, na tentativa de convencê-los de que estão corretos. Falta sustentação lógica e justificação de afirmações. Acredito que isso acontece porque grande parte dos alunos não possui base do assunto e apresentam muita dificuldade em “falar no papel”, pois no ensino fundamental não foram corretamente preparados para isso.
Sujeito B	Na minha opinião é o novo, a tecnologia, a falta de ter o professor por perto, a adaptação é muito complicada para muitos alunos. Também percebo uma grande dificuldade na falta de orientação desse aluno, ele precisa adquirir o hábito do autoestudo, o aluno deve se tornar autodidata, nós como tutores eletrônicos devemos no início do curso ficar atentos dando as coordenadas e ajudando nossos alunos a alcançar gradativamente a autonomia acadêmica.
Sujeito C	O despreparo do mesmo ao ingressar no curso superior. Apesar de que ao conversar, ler e pesquisar tomo conhecimento e sei que não é só o aluno de EaD, mas a grande maioria dos ingressantes. Porém, o aluno do EaD tem a desvantagem de ter que ser autônomo na busca pelo conhecimento para conseguir acompanhar e às vezes, por ser um modelo novo, ele demora “alguns” semestres para entender como será o seu aprendizado dentro da Universidade.

Fonte: Os autores.

Agora, comentaremos, brevemente, a resposta de cada enunciado, com o objetivo de tecer os fios dialógicos, as vozes presentes nos discursos (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/1997).

No sujeito **A**, o foco da resposta é direcionado para o despreparo do aluno no ensino fundamental e médio. A tutora reflete sobre como a graduação recebe o aluno com tantas lacunas em sua formação, que vai desde a produção de texto, erros de concordância, regência, pontuação até a organização do plano global. Essa lacuna na formação é sintetizada no discurso que enuncia “*enfim nas habilidades necessárias na composição de um texto*” (**enunciado para apresentar uma síntese**). Como se não fosse suficiente o quadro apresentado, a tutora faz uso do operador argumentativo “**Além disso**” (**enunciado para enumerar outros problemas**). Os problemas, pelo sujeito elencados, são relacionados à possível falta de leitura: “[...] *pois falta conhecimento, esclarecimento sobre o assunto, eles não conseguem sustentar uma opinião frente aos outros*” (**enunciado para apresentar uma explicação**). O sujeito finaliza a sua enunciação citando deficiências que considera ligada ainda ao ensino fundamental.

As enunciações de **B** começam com a alegação de que se trata de uma modalidade de ensino muito recente: “*Na minha opinião é o novo [...]*” (**enunciado para iniciar uma hipótese**). Na sequência, o sujeito toca num dos principais problemas dessa forma de ensino: “[...] *a falta de ter o professor por perto, a adaptação é muito complicada para muitos alunos*” (**enunciado para iniciar uma explicação**). Depois, vemos o **elemento coesivo** acrescentando argumentos: “**Também** percebo uma grande dificuldade na falta de orientação desse aluno” (**enunciado para acrescentar um argumento**). Para finalizar, tem-se um problema que podemos considerar não somente do aluno da EaD, mas do aluno brasileiro: “*ele precisa adquirir o hábito do autoestudo, o aluno deve se tornar autodidata*” (**enunciado com valor de verdade**). Por fim, o sujeito toca no papel do tutor eletrônico e se inclui no discurso: “*nós como tutores eletrônicos devemos no início do curso ficar atentos, dando as coordenadas e ajudando nossos alunos a alcançar gradativamente a autonomia acadêmica*” (**enunciado com valor de verdade**). Aqui podemos nos remeter aos estudos de Vygotsky (1999), no que tange à importância da mediação no processo de ensino-aprendizagem.

Nas enunciações do sujeito **C**, encontramos uma formação discursiva recorrente em nossa sociedade relacionada ao despreparo do educando, que também está presente no discurso de **A**. Vejamos as enunciações:

A: “Acredito que isso acontece porque grande parte dos alunos **não possui base** do assunto e apresentam muita dificuldade em ‘falar no papel’, pois **no ensino fundamental não foram corretamente preparados** para isso [...]”

C: [...] “O **despreparo** do mesmo ao ingressar no curso superior”.

Então, retomando as enunciações de **C**, temos, sob outra ótica: “*O despreparo do mesmo ao ingressar no curso superior*” (**enunciado para expor um problema**). Logo na sequência, o sujeito enuncia: “*Apesar de que ao conversar, ler e pesquisar tomo conhecimento e sei que não é só o aluno de EaD, mas a grande maioria dos ingressantes.*” (**enunciado para justificar argumentos**). Novamente, aqui temos uma formação discursiva recorrente em nossa sociedade, que nos remete à falta de preparo do educando ao ingressar no curso superior. Surge, na enunciação, um **elemento coesivo** que procura justificar as asserções proferidas: “*Porém, o aluno do EaD tem a desvantagem de ter que ser autônomo na busca pelo conhecimento para conseguir acompanhar e às vezes, por ser um modelo novo, ele demora ‘alguns’ semestres para entender como será o seu aprendizado dentro da Universidade*” (**enunciado para justificar argumentos**). Outra ponte é encontrada nesse discurso, pois as enunciações de **C**, com relação a ser uma modalidade nova de ensino, dialogam com as enunciações de **B**:

B: “Na minha opinião é o novo, a tecnologia [...]”

C: “[...] por ser um modelo novo [...]”

Essa formação discursiva que enfatiza o novo é coerente, tanto que no Art. 1º do Decreto nº 2.494 de 10 de fevereiro de 1998, que Regulamenta o art. 80 da LDB, nº 9.394/96, o conceito de ensino-aprendizagem é apresentado como:

[...] forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação (BRASIL, 1998b).

Então, de fato, o aluno não tem um conhecimento real sobre a modalidade na qual está se inserindo, tampouco preparo para isso.

Como podemos observar, no papel social de leitor, os tutores atenderam ao solicitado: apresentaram suas opiniões sobre as dificuldades apresentadas, no processo de ensino-aprendizagem, pelo aluno oriundo do Ensino Médio, no primeiro ano da graduação do curso de Letras. Ao procedermos a análise das enunciações dos tutores, observamos que eles apresentam argumentos. Então, temos **o mundo do expor, com a presença do relato interativo, carregado de dêiticos** (marcas linguísticas, tais como os pronomes de primeira pessoa do singular ou do plural e formas verbais correspondentes), conforme Bronckart (2003), que **representam o eu-aqui-agora** no discurso. Isso pode ser comprovado nos fragmentos abaixo, nos quais temos os dêiticos:

Sujeito A	Percebo que [...] Acredito que [...]
Sujeito B	Na minha opinião é o novo [...] Também percebo [...] nós como tutores eletrônicos devemos [...] nostros alunos a [...].
Sujeito C	[...] tomo conhecimento e [...]

Na segunda entrada da proposta, Bronckart (2003) apresenta que há dois tipos do expor e dois tipos do narrar. Essa segunda entrada relaciona o mundo real com o ato de produção; então, antes era somente uma decisão psicológica, por parte do enunciatário, agora ele vai produzir. Diante disso, o expor pode implicar o momento da produção ou apresentar autonomia do momento da produção. Como no texto analisado **temos as marcas dêiticas**, conforme ressaltado acima, trata-se de **um expor implicativo**, carregado de dêiticos; logo, em conjunção.

Representações do mundo físico: há sujeitos reais (A, B e C), que nesse momento são configurados como os *emissores* da ação. O *receptor*, que é a professora especialista, na qualidade de professora de Língua Portuguesa responsável pela disciplina e pelo Fórum. O *local* de interação ocorre no ambiente virtual intitulado Fórum, alocado dentro da página da Internet da Instituição de Ensino Superior (IES), e o *tempo* é assíncrono, pois a comunicação não ocorre em tempo real.

No que diz respeito à figura desse *receptor*, é pertinente observarmos que o texto foi escrito para um enunciador considerado como representante de saberes oficiais, conforme Foucault (1987), legitimados por entidades oficiais, no caso representado pela IES. Como tal detentor do saber, nota-se que é ele quem faz as indagações e a mediação do processo.

Representações do mundo sociossubjetivo: tendo por base as categorias propostas por Bronckart (2003), temos como o *lugar social da ação* o ambiente virtual de aprendizagem intitulado Fórum.

Com o intuito de visualizarmos os sujeitos da pesquisa considerando os parâmetros contextuais, temos as representações do mundo físico da ação:

Quadro 6 - Representações do mundo físico da ação.

Emissor	Receptor	Local/espço	Tempo
A	Professor de Língua Portuguesa da Universidade	Ambiente virtual de aprendizagem Fórum	Assíncrono – 08/06/2010, 20h33
B			Assíncrono – 16/06/2010, 22h41
C			Assíncrono – 23/06/2010, 19h05

Fonte: Os autores.

Com relação às representações do mundo socio subjetivo de ação, temos:

Quadro 7 – Representações do mundo socio subjetivo de ação

Sujeitos da investigação	Lugar social	Enunciador	Destinatário	Objetivos
A, B e C	Tutor eletrônico.	Tutor eletrônico responsável por fazer a ponte entre o professor e o aluno.	Professor de Língua Portuguesa responsável pela disciplina.	Diagnosticar as dificuldades, observadas pelo tutor, no aluno ingresso da EaD. Saber a opinião do tutor, visto ser ele quem tem maior contato com o aluno.

Fonte: Os autores.

A seguir, vejamos as representações referentes à situação e aos conhecimentos disponíveis do agente:

Quadro 8 – Representações referentes ao conhecimento disponível do agente.

Sujeitos da investigação	Tema que será expresso no texto
A	<ul style="list-style-type: none"> dificuldade na produção de texto, desde gramática, estrutura, paragrafação e argumentação.
B	<ul style="list-style-type: none"> sistema de ensino novo, o que gera falta de adaptação; a falta de ter o professor por perto; dificuldade do aluno em ser autodidata; o papel do tutor: ficar atentos e ajudar o aluno.
C	<ul style="list-style-type: none"> despreparo do aluno ao ingressar no curso superior; desvantagem do aluno da EaD: deve ser autônomo; modelo novo de ensino.

Fonte: Os autores.

Com relação ao atributo que o tutor traz à situação de produção, recorreremos às asserções de Richer (2008):

[...] em cada ação social, o indivíduo em papel não só co-realiza a atividade que lhe compete, como também fornece evidências aos outros (e a si) da (presumida) competência no desempenho dessa função. Um profissional no exercício de seu papel reconhecidamente produz e reproduz a si mesmo como membro integrante de um lugar social e da atividade a este associada. Este mecanismo (que assim manifesta localmente a tendência autopoietica dos sistemas organizados) opera com ou sem a identificação do sujeito com os motivos justificadores da prática - vale dizer, quer invista de valência emocional, quer não, os efeitos discursivos de prestígio direcionados a seu lugar social (RICHTER, 2008, p. 43).

Isso posto, a seguir vejamos qual é o atributo específico que o tutor traz à situação de produção:

Quadro 9 – Atributo que o tutor traz à situação de produção

Tutor	Tempo de serviço como tutor
A	4 anos.
B	3,5 anos.
C	4 anos.

Fonte: Os autores.

Diante do exposto, podemos observar que estamos analisando a enunciação de tutores que têm experiência na mediação do fórum em diversas disciplinas e semestres do curso; logo, nas enunciações dos tutores, consideramos que há um agir-experiência que referenda seus discursos, pois as enunciações representam suas experiências vivenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo em tela se propôs a investigar a enunciação dos tutores no ambiente virtual Fórum, sobre o desempenho dos alunos, da modalidade de ensino Educação a Distância, no curso de Letras, numa Universidade. Apresentada a modalidade de ensino, explicado o funcionamento do curso de Letras, analisadas as enunciações dos tutores, sujeitos da pesquisa, observamos que em sua enunciação, em busca de um agir efetivo do professor especialista, há a recorrência dos temas da “falta” (discurso “consagrado” no ensino, tanto para professores como alunos), de ser tal sistema de ensino uma modalidade “nova”, para a qual o aluno talvez esteja “despreparado”, pois é preciso que ele seja um sujeito que tenha “autonomia” e se organize, de forma adequada, para suas leituras, estudos e trabalhos, temas estes que também aparecem no ensino presencial.

A análise das enunciações dos tutores eletrônicos nos remeteu aos estudos de Vygotsky (1999), visto que o autor enfatiza serem as intervenções deliberativas das pessoas que pro-

piciam à criança apropriar-se dos significados e, dessa forma, ser capaz de desenvolver o pensamento consciente.

Vimos que o foco do sujeito **A** é dado nas lacunas de formação do graduando, mencionando erros de concordância, regência, organização do plano global do texto, argumentação, leitura. Temos, assim, um discurso que tange questões gramaticais, textuais e argumentativas.

O foco do sujeito **B**, diferentemente, trata da grande distância do professor especialista em relação a seus alunos nos polos, a falta de orientação que o aluno recebe e também a atenção e a ajuda que o tutor deve dar ao aluno. Pelo fato de os alunos ainda estarem no 1º semestre, as enunciações dos tutores apontaram que, em grande parte, o autodidatismo não está ocorrendo, sendo isso comum tanto na EAD quanto na modalidade presencial. Dessa forma, resumimos que o discurso deste segundo sujeito trata do processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, o sujeito **C**, semelhantemente ao sujeito **A**, tem seu discurso voltado ao despreparo do aluno, mas ressalta que isso não acontece somente na EAD, colocando como desvantagem o aluno da EAD, por sua autonomia. Além disso, semelhantemente ao sujeito **C**, enfatiza a questão do novo modelo de ensino.

Com essas asserções, enunciamos que, quando um aluno entra na modalidade a distância, deve estar preparado para ser autodidata, realizar o autoestudo. Se assim proceder, acrescido de todo o processo mediador já especificado, ocorre a aprendizagem efetiva. As enunciações dos tutores apontaram que, em grande parte, isso não está ocorrendo. Com isso, queremos dizer que é possível o aluno estudar por meio da EaD, se ele compreender e assumir o seu papel discursivo nessa modalidade.

Como prosseguimento dos estudos, pretende-se investigar a experiência desses tutores, mais especificamente acompanhar o desenvolvimento da turma após a finalização da disciplina, para ver se houve, efetivamente, alguma alteração observada pelo tutor.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARBOSA, J. P. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de Língua Portuguesa: são os PCNs praticáveis? In: ROJO, R. (Org.). *A prática de linguagem na sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC, 2000, p. 149-182.

BELONI, M. L. O que é mídia-educação. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1999. (Coleção polêmicas do nosso tempo: 78).

BRASIL. MEC. *Decreto nº 2.494 de 10 de fevereiro de 1998*. Regulamenta o art. 80 da LDB (Lei nº 9.394/96). 1998b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2494.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2010.

_____. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. 1º e 2º ciclos do ensino fundamental. Brasília: SEF, 1997.

_____. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. 3º e 4º ciclos do ensino fundamental. Brasília, SEF, 1998a.

BRONCKART, JP. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e *escrita*: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). *Enjeux*, Genebra, n. 31-49, 1996. Tradução de R.H.R. Rojo. Circulação restrita.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

FOURCADE, A.; PILAR, Maria; BRONCKART, Jean-Paul. Por un Interaccionismo Socio-discursivo: Historia de una trayectoria. In: PLAZAOLA, I.; FOURCADE, M. P. Alonso (Eds.). *Testuak, discurtsuak eta generoak*. Donostia: Erein, 2007. p. 13-61.

GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GIMENEZ, V. A. *Competências informacionais dos alunos dos cursos a distância da Unopar no uso de Biblioteca digital*. Disponível em: <http://www2.unopar.br/mestrado/teses_EAD/vilma_aparecida_gimenez_cruz.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2010.

HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Trad. Guio A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

MARCUSCHI, L. A. A coerência no hipertexto. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MATÊNCIO, M. L. M. *Leitura, produção de textos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

NASCIMENTO, E. L. Gênero da atividade, gêneros textuais: repensando a interação em sala de aula. In: _____. (Org.). *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 50-90.

SÁ, Iranita M. A. *Educação a distância: Processo Contínuo de Inclusão Social*. Fortaleza: C.E.C., 1998.

VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.